



UM OLHAR PARA POEMAS VERBIVOCOVISUAIS DE AUGUSTO DE CAMPOS E O ENSINO DE LITERATURA NA CONTEMPORANEIDADE

Autora: Isabelle de ARAÚJO PIRES, Orientador: Expedito FERRAZ JÚNIOR (UFPB)

Universidade Federal da Paraíba, issapires@hotmail.com

1. Introdução

Este trabalho surge como recorte da pesquisa de doutorado em andamento na Universidade Federal da Paraíba. É como resultado da vivência com o texto literário, e, mais especificamente, com a vertente das poéticas visuais que a pesquisa se desenvolve. A escolha por Augusto de Campos se deu porque, na nossa concepção, encontramos neste poeta em especial, um dos mais importantes artistas-tradutores de nossa literatura recente, abordando um fenômeno ainda pouco explorado, em termos teóricos, mas muito praticado em diversas áreas — a tradução intersemiótica¹ e as relações das poéticas visuais com diversas mídias. Ainda, tornou-se pertinente observar como seria possível um diálogo entre essas poéticas e o ensino de literatura, especialmente na contemporaneidade.

Cuidadosamente atento às diversas camadas de organização e descrição do signo traduzido, inicialmente descrito como *transmutação* de signos (cf. Roman Jakobson 1959) de um sistema semiótico (verbal) para outro sistema, de naturezas distintas, Augusto de Campos tem desenvolvido projetos de tradução intersemiótica em colaboração com artistas visuais, músicos e compositores, teóricos e cientistas da computação, que se faz desafiador pesquisar como essa poesia pode agregar valor ao ensino de literatura num mundo movido pelas novas tecnologias e mídias diversas.

Quanto à expressividade do poeta, não há dúvida que é significativa, sendo este um teórico experimentado, que já na década de 1950 apontava para a necessidade das novas mídias na criação artística. Campos é um dos poetas de sua geração que mais sistematicamente recriou “material linguístico” em outros sistemas semióticos. Seu interesse por projetos de tradução cobre um período de mais de 50. Na obra poética de Augusto de Campos, por exemplo, a busca dessa dimensão intermídia impôs-se como uma “orientação estética”, segundo Ferraz Júnior²:

¹(Cf. FERRAZ JÚNIOR, E. In: *Transposição de Meios, Multiplicação de Sentidos: A Poesia Intermídia de Augusto de Campos*. Cadernos de Semiótica Aplicada Vol. 3, n.2, dezembro de 2005. <http://www.fclar.unesp.br>;

Jakobson, no ensaio “Aspectos linguísticos da tradução”, propôs os conceitos de transposição intralinguística, interlinguística e intersemiótica, definindo esta última como a transposição “de um sistema de signos para outro.” In: *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1971. p.72).

² (Cf. *Transposição de Meios, Multiplicação de Sentidos: A Poesia Intermídia de Augusto de Campos*. Cadernos de Semiótica Aplicada Vol. 3, n.2, dezembro de 2005. <http://www.fclar.unesp.br>).



É por situar-se no limiar de um novo estágio tecnológico, e, sobretudo, por já conter, no dizer de Haroldo de Campos, a premissa histórica desse novo estágio, que a Poesia Concreta se insere duplamente na problemática da Tradução Intersemiótica — a princípio, como reelaboradora de uma tradição de rigor e experimentalismo colhida na música, nas artes plásticas e na própria literatura, mas logo também como objeto dessa mesma reelaboração, no processo de sua adaptação aos novos recursos técnicos. Na obra poética de Augusto de Campos, por exemplo, a busca dessa dimensão intermídia impôs-se como uma orientação estética. (<http://www.fclar.unesp.br>).

Assim, julgamos relevante realizar uma análise da transposição de poemas do meio tipográfico para registros fono/videográficos, a partir da leitura discursiva de versões de alguns textos poéticos, apresentados em suportes técnicos distintos com vistas a realizar um estudo crítico das principais colaborações que este poeta travou nos últimos anos no campo do experimentalismo poético, explorando correspondências e novos significados surgidos dessa transposição considerada como experiência de Tradução Intersemiótica e suas possíveis contribuições para o ensino de literatura em dias hodiernos. A pesquisa considera a aplicação da *Teoria Geral dos signos - Semiótica Peirciana* ao estudo literário das traduções intersignificativas e intermídia dos poemas augustinianos, de acordo com a orientação teórica que estamos adotando.

É válido atentar para a importância da tradução de textos criativos e seus processos tradutórios através da análise e as possíveis contribuições dessa poesia experimental para o ensino de literatura que leve em conta o experimentalismo intersemiótico potencializado pelas mídias digitais, tecnológicas, observando dessa forma, de que maneira os professores podem se utilizar do contexto da sociedade moderna, onde a tecnologia avança gradativamente, para trabalhar aspectos visuais presentes em textos, objetivando demonstrar como, a partir de uma perspectiva híbrida, portanto, ampla de leitura, é possível ativar e fortalecer o posicionamento crítico dos alunos.

O desafio para se construir sentidos na apreciação da Poesia Visual parece tornar-se ainda maior quando o leitor tem que lidar com recursos diversos como o som, o movimento, a diversidade de usos da letra e do espaço no suporte que abriga o poema. Ainda há pouca divulgação e abordagem de textos contemporâneos nas escolas, segundo Colomer (2007), onde se priorizam os estudos de textos canônicos, distantes entre o mundo vivenciado pelo aluno e o mundo contextualizado nas obras que lhes são oferecidas, na maioria das vezes, obras clássicas que deverão ser lidas para um determinado fim (o exame vestibular/Enem), num tempo específico. Uma leitura estranha e obrigatória contribui, segundo a autora, para que esse público não aprecie a leitura literária. Diante das novas ferramentas de comunicação, do predomínio do signo icônico e dos desafios que a literatura enfrenta no mundo contemporâneo, é relevante reavaliar investidas para incentivar a leitura literária. Em decorrência das frequentes e rápidas mudanças contextuais, além das novas propostas curriculares, urge a necessidade dos professores repensarem constantemente a prática pedagógica com base em algum suporte teórico-metodológico.

2. Metodologia, resultados e discussões



No que tange à concepção de poesia intermídia, obras como a de Augusto de Campos, de acordo com Ferraz Júnior (2005) tornam-se amplo objeto de estudo, pois

pressupõe o emprego da tecnologia tão-somente em favor da multiplicação de sentidos: os recursos técnicos não representam ali senão um campo de possibilidades que se abre à pesquisa de linguagem e à aventura poética. Com relação ao trabalho do tradutor, visto também com um trabalho criativo, ocupou um *topos* especial na história da moderna poesia ocidental, tendo sido exercitado por vários representantes do cânone poético da modernidade, como Charles Baudelaire, Paul Valéry e Ezra Pound. Uma prática, aliás, que se intensificou ao longo de todo o século XX também na América Latina, graças, sobretudo a poetas-tradutores como Octavio Paz, Jorge Luis Borges, Augusto e Haroldo de Campos, dentre outros. (<http://www.fclar.unesp.br>).

Como dito, Otávio Paz (1993), um dos primeiros poetas-tradutores latino-americanos sinaliza a importância das traduções para o contexto poético e cultural de nossa modernidade e aponta o século XX como o século das traduções. É nesse sentido, que Paz também trata o conceito moderno de tradução como um operador também eficaz no trato de várias questões, como a da relação dos poetas modernos com a tradição, a do diálogo e entrecruzamento de linguagens. Traduzir passa a ser um diálogo com outras possibilidades estéticas.

Conferindo muita importância às traduções intersemióticas, Ezra Pound, o grande nome da tradução criativa de poesia (de acordo com o próprio Augusto de Campos) fez convergir outros sistemas sógnicos para a sua poesia, especialmente com a frequente e extraordinária inclusão de vários idiomas e do ideograma chinês na poesia ocidental. A tradução intersemiótica, na visão de Campos, amplia o horizonte da fruição artística - “Uma grande época literária é talvez sempre uma grande época de traduções” (CAMPOS, 1993, p. 259). No entanto, como já fora dito, apenas recentemente o fenômeno da tradução intersemiótica tem recebido maior atenção da crítica, tendo ainda uma parca publicação a respeito.

Dessa forma, evidencia-se a necessidade de um olhar crítico relativamente recente, e que devido ao seu jargão peculiar não ultrapassa com muita frequência as publicações específicas. Segundo o poeta, os críticos da sua própria geração encontraram enorme dificuldade para abordar a poesia concreta, dada a formação unidisciplinar característica do ensino dominante no âmbito universitário, de acordo com Campos (1993). Hoje, com o instrumental da Semiótica mais assimilado e sob os avanços tecnológicos e das novas mídias comunicativas, o horizonte se abriu mais e a tendência para uma formação multidisciplinar, interabrangente, é bem maior do que a do passado e por certo não pode dispensar a contribuição da semiótica.

Nesse sentido, Santaella (1986) aponta que os poetas visuais/concretos, dos quais Augusto é representativo, “criaram a nível artesanal protótipos de linguagem, matrizes de organização sógnica



passíveis de uma transposição para suportes e meios diversos” (SANTAELLA, 1986, p. 117). Utilizando-se de tipos gráficos instantâneos, recortes, experimentos ousados de recursos editoriais, como cores, transparências e, dobraduras, os poetas visuais projetam em seus textos efeitos sinestésicos e sugestões de movimento e tridimensionalidade que, gradativamente, encontrariam o aporte tecnológico adequado para sua plena realização, segundo Ferraz Júnior (2005).

Num recorte cronológico, a partir dos últimos anos da década de 60 uma grande quantidade de poemas usando os mais variados recursos gráficos e visuais assalta o panorama poético a bordo de revistas e livros que proliferam ao largo do circuito das grandes editoras, publicações que mantêm um razoável fôlego até os últimos anos da década de 70, conforme Menezes (1998), sendo assim, há “uma interpenetração de experiências que se acumulam, aqui e ali modificando componentes dos movimentos passados, na busca de uma técnica de articulação própria de signos visuais” (MENEZES, 1998, p 86). Não há uma linearidade evolutiva, mas pequenas inovações que vão criando um perfil distinto, repetindo e acrescentando, ao mesmo tempo, dados e processos. Há, portanto, num mesmo momento, variados métodos de composição.

Os diversos matizes criados pelos poemas da virada da década de 60/70 devem ser vistos com base nos movimentos imediatamente anteriores. Já as obras dos anos 80/90 são, por um lado, mais livres em relação aos primeiros poemas concretistas na fase ortodoxa dos primeiros anos e, por outro lado, participam mais intensamente do desafio das novas tecnologias, que conduzem aos poemas digitalizados, à animação gráfica e sonora, aos processos multimídia e intermídia.

Dessa forma, alguns trabalhos de anos anteriores se materializam agora nos computadores, espaço congenial para as aventuras “verbivocovisuais”. O que se buscou com a poesia concreta, segundo Campos (1975) foi recuperar a especificidade da própria linguagem poética, a materialidade do poema e a sua autonomia, a partir de uma revisão e radicalização dos procedimentos da poesia moderna e da elaboração de um novo projeto criativo no contexto das novas mídias:

A poesia concreta retomou as especulações da linhagem experimental da poesia contemporânea, firmando relevantes pressupostos para o desenvolvimento da poesia no contexto das novas mídias que se expandem na fase tecnológica da modernidade. O Concretismo constituiu, no mínimo, um movimento importante para manter acesa a ideologia revolucionária da experimentação permanente e autônoma e redefinir a atuação da vanguarda na 2ª metade do século, assumindo-a como resistência à massificação e à



banalização impostas aos novos meios de comunicação e ao imobilismo da literatura convencional.³

Exemplo de experimentação “intermídia”, um poema traduzido para outro suporte, *Cidade city cité* (1963), Augusto de Campos utiliza recursos da computação gráfico-digital. É uma experimentação poética intersemiótica que tipifica a iconicidade metafórica na Semiótica peirciana. O signo icônico metafórico que Peirce define, representa uma equivalência semiótica que induz ao reconhecimento de uma qualidade comum entre dois signos, que permitiria a ambos representar um mesmo objeto. Diferentemente das imagens, cujas relações signo-objeto devem produzir interpretações inequívocas, as metáforas implicam uma necessária ambivalência representativa⁴. Nele, o texto está codificado numa estrutura que produz movimento e sons simultâneos. O ícone metafórico surge na interação entre os elementos que simulam e faz analogia ao seu referente, a cidade.

Chamados pelo poeta de “Clip-poemas”, ou seja, poemas transformados em *clipes* pela digitalização e animação poética, integram a exposição “[Arte Suporte Computador](#)”, na Casa das Rosas, em 1997, fazem parte do material que está agora no *site* oficial de Augusto (cf. <http://uol.com.br/augustodecampos>).

Atrocaducapacaustiduplielastifeliferofugahistoriloqualubrimendimultipliorganiperiodiplastipubliarap
areciprorustisagasiimplitenaveloveravivaunivoracidadecitycité

Vemos uma junção de prefixos de palavras que, a princípio, parecem sem nenhum sentido lógico, pois todo o sentido do poema reside na última palavra identificável: “cidade”, no final da quarta linha (na versão original, o poema é grafado numa única linha). Mais abaixo, “cidade” aparece grafada em inglês e francês, indicando talvez que o caos das cidades ultrapassam as fronteiras geográficas e atingem todos os lugares, povos, línguas, que se encontram nas sociedades globalizadas. A palavra “cidade” forma, com o prefixo “vora”, a palavra “voracidade”.

³ Resposta de Augusto de Campos à seguinte pergunta: “Tese: ‘O Concretismo, uma das tendências vanguardistas mais radicais deste século, engajado numa revalorização crítica do objeto artístico e o seu lugar na sociedade, trouxe um novo meio de olhar e ler a tradição. Ele foi um precursor das mais recentes tendências neo-barroca e pós-moderna.’ Gostaríamos de ter sua avaliação ou julgamento sobre essa perspectiva artística do ponto de vista de um artista participante, enquanto ela se relaciona com a sua própria obra ou poética ou com a sua apreciação crítica da experiência concretista” (Essa pergunta é parte de um questionário de seis perguntas, do qual esta é a sexta, formulado por K. David Jackson, Eric Vos & Johanna Drucker no Simpósio de Yale sobre Poesia Experimental, Visual e Concreta desde a década de 60, que ocorreu na Universidade de Yale, EUA, nos dias 05 à 07 de abril de 1995).

⁴ Expedito Ferraz Júnior. A leitura do texto literário: uma abordagem semiótica. Signo. Santa Cruz do Sul, v. 37 n.62, p. 65-81, jan.-jun. 2012. Em : <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/index>.



Se unirmos essa palavra aos demais prefixos teremos outros vocábulos: atrocidade, caducidade, capacidade, causticidade, duplicidade, ferocidade, fugacidade, historicidade, loquacidade, e assim até o fim da quarta linha, quando o ciclo é quebrado e, introduzidos os vocábulos “city” e “cité”, que não alteram a temática do texto - falar das características das grandes cidades num mundo moderno - mas possibilita e sugere a leitura das mesmas palavras em três idiomas, fazendo do texto um poema trilingue, especialmente babélico, pela caracterização e valorização da mistura, integralizando línguas, significados, vocábulos e sons (quando oralizado) através dos recursos verbivocovisuais. A intenção do poema parece ser a de converter em linguagens distintas o caos das grandes metrópoles, comunicando a grande confusão e desordem das cidades modernas.

Através do grafismo de palavras propositadamente mutiladas, unidas sem qualquer pontuação ou recurso estilístico da sintaxe tradicional, Campos consegue aqui fazer um novo uso da palavra, transformando sua forma estática, mera expressão gramatical de um vocábulo, em uma palavra dinâmica, ativa, cujos novos fatores gráficos acrescentam novos sentidos à palavra. O espaço gráfico dá novo significado à estrutura do poema, onde não há versos, apenas uma única linha, que podemos aludir à velocidade, à rapidez com que os centros urbanos produzem e difundem recursos e informações, mercadorias e serviços.

O poema é transformado num objeto em si mesmo, autossuficiente, com destaque para a função verbivocovisual, a qual valoriza todos os sentidos de comunicação da palavra, sua carga semântica, seu som e sua forma visual. Ele convida ao vocal, ao oralizável, ao sonoro, quando o ouvimos no vídeo ou na *Web*. Uma vez conhecida sua oralização, pelo próprio Augusto de Campos, na gravação de 1985, fica difícil imaginar melhor aplicação para este texto do poeta paulistano, transformando a cidade em um conglomerado de sons vocais.

O poema, além da versão computadorizada, que foi referida neste trabalho, foi exposto numa montagem de Júlio Plaza, na Bienal de São Paulo, em 1987. Na versão que esse poeta criou, ele é transformado literalmente em “objeto de consumo”, na medida em que o poema é exposto montado com grandes letras como se fosse uma escultura⁵. A dinâmica da leitura dos textos utilizando-nos da teoria peirciana apresenta ferramentas que auxiliam numa abordagem crítico-analítica possível e aplicável do texto literário, capaz de auxiliar-nos na compreensão do poema. Na abordagem, o fenômeno da poesia visual é analisado em plena dinâmica do processo de comunicação com o leitor.

⁵ Para visualizar melhor recomendamos o acesso ao *site* de Augusto de Campos, em que o poeta expõe sua própria foto ao lado do poema transformado em objeto pelo poeta Júlio Plaza na Bienal de São Paulo, de 1987.



A recepção dos textos intersemióticos e a experiência de trabalho com os poemas serão discutidas considerando os conceitos provenientes da *Estética da Recepção* de Hans Robert Jauss, tocadas pelo tentame da prática de ensino com poemas visuais. Trata-se, portanto, não apenas de descrever e analisar, mas também de divulgar e sugerir uma experiência de leitura num contexto sociocultural específico, de modo a analisar o diálogo dessa poesia totalizante, que se reconstrói e ganha forças com o surgimento das novas tecnologias, novos experimentos, potencializa a possibilidade da interatividade, coloca o leitor numa postura participativa diante dos poemas, podendo esse fator, contribuir para a recepção desse texto. Importa que o poema seja lido, de uma forma ou de outra. A ideia é Ampliar as possibilidades de leitura, além de ampliar o horizonte de expectativas do leitor na tentativa de transformá-lo, a partir de uma proposta de leitura mais próxima do contexto desse aluno.

3. Conclusão

Tentar observar como essa literatura experimental intersemiótica e intermídia pode agregar valor ao ensino de literatura na contemporaneidade torna-se desafiador, assim, entendemos que para a compreensão acontecer de maneira mais eficiente os leitores devem fazer uso dos diversos modos de linguagem constituídos no texto. Nos poemas augustinianos, a linguagem verbivocovisual torna-se implicação para a significação do texto. Vale destacar que a referência a esses elementos já refletem os sinais de uma mudança de perspectiva de leitura que, inicialmente, só se realizava verbalmente. É preciso haver, nas aulas de literatura, uma leitura diversificada das possibilidades textuais, ou seja, numa proporcionalidade entre a leitura de textos clássicos da literatura e de textos mais contemporâneos. Para Vieira (2007), atualmente:

As habilidades textuais devem acompanhar os avanços tecnológicos, e a qualidade mais valorizada nos sujeitos letrados é a capacidade de mover-se rapidamente entre os diferentes letramentos, compostos pela fala e escrita, pelas linguagens visuais e sonoras, além de todos os recursos computacionais e tecnológicos, mostrando competência na produção e na interpretação de textos de diferentes gêneros discursivos. (VIEIRA, 2007, p.24).

Dessa forma, devemos apreender que os avanços tecnológicos na atualidade determinam novas formas de interação que implicam a necessidade de revisão e ampliação das práticas pedagógicas, uma vez que imagem e palavra mantêm relação cada vez mais próxima e de forma mais integrada com a imagem. Nos poemas visuais, a integração, plasticidade e visualidade trouxe uma nova maneira de ler poemas.



Conforme Dionísio (2002) Há uma necessidade contemporânea desse “novo olhar” para a compreensão textual em relação a outras formas de representação existentes além da verbal, entendendo que o sentido de um texto não está inteiramente na escrita. Esta é apenas um dos modos de representação das informações e defende a premissa de uma compreensão mais ampla de texto. Para ele, a observação de elementos de natureza semiótica diferentes, que incluem o aspecto verbal, visual e até o sonoro (TV, cinema, *internet*) dos textos contemporâneos, nos quais predominam apenas um modo semiótico, não mais atendem às necessidades da sociedade atual.

Nas práticas sociais de leitura e escrita, observamos que a imagem assume posição de destaque, segundo Pinto (2008). Essa presença ostensiva da imagem passa a exigir do leitor maior preparo para a leitura de elementos diversos. Apesar desse atual contexto que valoriza sobremaneira a cultura visual e do uso intensivo da imagem pelos alunos fora do ambiente escolar (jogos eletrônicos, entretenimento, publicidade, por exemplo), ainda é incipiente a sistematização de seu uso para fins pedagógicos. Percebemos que a utilização da imagem socialmente está ainda bem distante do que poderia ser feito academicamente.

Oliveira (2006) aponta algumas implicações pedagógicas relativas ao uso desses textos em sala de aula, elencando que os professores podem trabalhar textos com outra perspectiva de leitura e tornar possível desenvolver a postura crítica dos alunos, um olhar com outro viés para a leitura literária, uma leitura que agrega as marcas do seu tempo, como suportes distintos e recursos tecnológicos. Nessa perspectiva, percebemos a necessidade da inserção de práticas pedagógicas que sistematizem a utilização também da leitura de imagens em sala de aula, integrando-as ao processo de ensino-aprendizagem de forma a familiarizar os alunos com a diversidade textual, permitindo-lhes lidar mais efetivamente com a nova realidade.

O fato de se experimentarem novas possibilidades estéticas, na poesia e nas artes em geral, não significa que as formas clássicas de expressão serão abandonadas. Elas se renovam no contato com as formas mais experimentais e passam a conviver com estas, muitas vezes, num mesmo projeto. E servem, frequentemente, como realimento para outros saltos experimentais. O mesmo se efetiva com as poéticas visuais históricas, como o poema figurativo. Vale o poema bem realizado, e não mais o estilo a que pertence. Faz-se necessário, antes de tudo, preparar o professor para construir uma metodologia do ensino literário que possibilite o aluno a descobrir os sentidos do texto e reelaborá-lo, onde o entendimento do leitor alastre-se para além dos sentidos do texto,



descobrimo-se enquanto sujeito capaz de dar conta do próprio processo de leitura.

Resultado de um trabalho de Dissertação de Mestrado concluída em 2011, os próprios alunos que participavam da pesquisa criaram um *Blog* interativo a partir de um desejo de expor e discutir textos visuais diversos. Escolheram os poemas que postariam de forma livre e sem intervenção, sendo um trabalho sem orientação ou direcionamento do pesquisador. Então, podemos notar, pela análise das postagens, a predileção pelos poemas mais figurativos, predominantemente visuais e de temáticas sociais, que demonstraram certa preferência por poemas cuja informação visual teve destaque na composição do texto. Essa primazia, talvez comunique o contexto no qual vivem, isto é, o universo do qual fazem parte, que valoriza sobremaneira a cultura visual e o uso intensivo da imagem (fotografias, outdoors, pinturas, grafites, neons, entre outros) ou a informalidade e objetividade com que a imagem comunica.

Já no que se refere aos comentários do vídeo que construíram sobre as expectativas acerca dos poemas experimentais, foram, na nossa concepção, surpreendentes, pela intensidade com que os alunos manifestaram suas experiências com essa poética em especial. Falas como as dos alunos⁶ “Ma” - “Poesia Visual é a vida dada as Palavras” e “Je” - “A poesia pode nos alucinar e nos fazer entrar em outros mundos” transferem para as palavras uma força expressiva que manifesta deleite e contentamento. Ao se apropriarem da literatura, tendo dela a experiência literária, no contato efetivo com o texto, foi possível aos alunos experimentarem sensações que o texto literário “pelo uso incomum da linguagem, consegue produzir no leitor, o qual, por sua vez, estimulado, contribui com sua visão de mundo para a fruição estética” (OCEM, 2006, p. 55).

É imperativo significar o texto literário na sociedade contemporânea, sendo necessária uma revisão nos paradigmas de ensino de literatura voltado apenas à leitura de poemas verbais. Defendemos, pois, um ensino baseado numa perspectiva ampla de texto. Por outro lado, entendemos que essa perspectiva necessita de um maior aprofundamento para ser mais amplamente explorada. Reconhecemos essa discussão apenas como um início, razão pela qual, futuros trabalhos sobre esse objeto de estudo poderão ser desenvolvidos e aplicados em sala de aula com a possibilidade do uso de outros recursos para a leitura literária, pois não há como ignorar o mundo cada vez múltiplo e tecnológico, com o qual alunos e professores convivem no contexto escolar.

⁶ PIRES, Isabelle de Araújo. Poesia Visual e Vivência no Ensino Médio. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades. Orientadora Dra. Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega.



4. Referências Bibliográficas

ANA, Claudia de; SANTAELLA, Lucia (Orgs.). **Cadernos PUC 28 – Semiótica e Literatura**. São Paulo: EDUC, 1987.

BENJAMIN, Walter. “A Tarefa do Tradutor”. In: **Cadernos do Mestrado\Literatura**. Ed. UERJ, Rio de Janeiro. 2ª. ed. rev. e aum. Traduzido por um grupo de alunos de pós-graduação em Literatura Brasileira do Instituto de Letras da UERJ. Revisto por Johannes Kretschmer, 1994.

CAMPOS, Augusto de. **O anticrítico**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

_____. **Poesia da recusa**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

CAMPOS, Augusto de. **Invenção**. São Paulo: Arx, 2003.

CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem e outras metas**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

_____. **A operação do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

_____. **A Arte no Horizonte do Provável**. Editora Perspectiva, 1972.

CLÜVER, Claus. On Intersemiotic Transposition. *Poetics Today*, v. 10, n. 1, p. 55-90, primavera de 1989. Versão brasileira: Da Transposição Intersemiótica. Trans. DINIZ, Thaís Flores Nogueira;

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

FERRAZ JÚNIOR, E. **Semiótica aplicada à linguagem literária**. João Pessoa: UFPB, 2012.

FERRAZ JÚNIOR, E. **Transposição de Meios, Multiplicação de Sentidos: A Poesia Intermídia de Augusto de Campos**. **Cadernos de Semiótica Aplicada Vol. 3, n.2, dezembro de 2005**. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br>. Acesso em: 27/09/2014.

HIGGINS, Dick. Intermedia. In: HIGGINS, Dick. **Horizons: The Poetics and Theory of the Intermedia**. Carbondale and Edwardsville: Southern Illinois University Press, 1984, p. 18-28.

JOLY, M. (2002) **Introdução à análise da imagem**. São Paulo: Editora Papirus. JOUVE, Vincent. **A leitura**. Tradução: Brigitte Hervor. São Paulo: UNESP, 2002. WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KLANOVICZ, Jó. Fontes abertas: inteligência e o uso de imagens. In: **Revista brasileira de inteligência**. v. 2, nº. 2. Brasília: Abin, 2006. KLEIMAN, A. **Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 1996. KRESS, G. & van LEEUWEN, N. T. (1996). **Reading Images: The Grammar of Visual Design**. New York: Routledge.

MENEZES, Philadelfo. **Roteiro de leitura: poesia concreta e visual**. São Paulo: Ática, 1998.

_____. A crise do passado: modernidade. Vanguarda. Metamodernidade. In: **O experimentalismo poético contemporâneo**. São Paulo: Experimento, 1994.

NÖTH, Winfried. **Imagem - cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

_____. Winfried. **A Semiótica no Século XX**. São Paulo, Annablume, 1996.

_____. **Panorama da semiótica: de Platão a Peirce**. São Paulo: Annablume, 1995.

OLIVEIRA, Maria Clara Castellões de. **“O tradutor Haroldo de Campos e a (des)leitura da**



tradição.” **Literatura em perspectiva**. Juiz de Fora: UFJF, 2003.

PAZ, Octávio. **Convergências**. México: Seix Barral, 1993.

PLAZA, J. **Tradução Intersemiótica**. Editora Perspectiva, 1987.

_____. “**Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora**”. In: OLIVEIRA, 2003.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

PIGNATARI, Décio. **Informação, Linguagem, Comunicação**. 1968. 9^a. ed. São Paulo: Cultrix, 1980.

PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo de. **Teoria da poesia concreta - textos críticos e manifestos: 1950/1960**. 2^a ed. São Paulo: Duas Cidades, 1975, p. 20.

PIGNATARI, D. **Semiótica e Literatura: icônico e verbal, Oriente e Ocidente**. 2^a ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

PINTO, Luiz Ângelo; PIGNATARI, Décio. **Nova Linguagem. Nova Poesia**. Teoria da Poesia Concreta, 1987.

PIRES, Isabelle de Araújo. **Poesia Visual e Vivência no Ensino Médio**. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades. Orientadora Dra. Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega.

QUEIROZ, João. Entrevista com Augusto de Campos. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 22, p. 279-302, fev. 2009. ISSN 2175-7968. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/9291/9423>>. Acesso em: 25 fev. 2016. doi:<http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2008v2n22p279>.

SANTAELLA, L. **Convergências – Poesia Concreta e Tropicalismo**. São Paulo: Nobel, 1986.

SANTAELLA, Lucia. **A teoria geral dos signos**. 1^a. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

SANTAELLA, Lucia. **A Teoria Geral dos Signos: como as linguagens significam as coisas**. São Paulo: Cengage Learning, 2000.

SANTAELLA. **A teoria geral dos signos: Semiose e autogeração**. São Paulo: Ática, 1995.

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Literatura em sala de aula: da teoria literária à prática escolar**. Recife: Programa de Pós-Graduação da UFPE, 2005.

REFERENCIAIS CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO DA PARAÍBA: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. João Pessoa: Secretaria de Estado de educação e Cultura, 2007.

RESENDE, Vania Maria. **Literatura Infantil & Juvenil - Vivências de Leitura e Expressão Criadora**. 2^a ed. São Paulo: Saraiva, 1997.